

Quebrando as barreiras do pudor: o advento do real do sexo¹

Susan Schwartz

O que poderia a imagem de Vênus, ou mesmo de Lolita, ensinar aos analistas? – pergunta Lacan em 1961, na lição final do Seminário VIII, *A transferência*. Ele versava sobre a relação entre o objeto de desejo – o traço essencial, na experiência analítica, em sua função dupla de objeto parcial e obturador fundamental – e seu efeito libidinal, em relação ao narcisismo e a seu núcleo central. O falo é isso ao redor do qual o investimento máximo é conservado e o objeto parcial fica elidido, deixado em branco na imagem que foi tão investida. Neste contexto, ele introduz a Vênus de Botticelli, a forma deslumbrante de Vênus se levantando das águas, “o corpo erigido acima das vagas do amor amargo”². Dentro de esta imagem da beleza, ereta no ápice da fascinação do desejo, diz ele, há um espaço em branco que está envolto pelo máximo de investimento. Lacan modifica a equação de Fenichel, *Girl = Phallus*, para demonstrar que, enquanto a imagem é investida com todos os atrativos, com todas as moções pulsionais que a circunscrevem, o falo é à condição de que ele não esteja lá. Assim, ele é o pivô na constituição de todos os objetos do desejo. Como ele o assinala em “A significação do falo”, a problemática do falo é intrínseca à sexualidade feminina e levará à conceituação do não-todo e do Outro gozo no Seminário XX, *Mais ainda*.

A questão de Lacan, acima, parece continuar sua discussão sobre a beleza como barreira ao real na deslumbrante forma de Antígona, do Seminário VII, *A ética da psicanálise*. A beleza de Antígona não só nos fascina, como ela “detém o sujeito diante do campo inominável da destruição absoluta”³. É uma barreira que, na análise, o saber-fazer do analista busca romper. Lacan também concede ao pudor (*pudeur*) a função de barreira ao real e faz várias referências ao pudor enquanto aquilo que vela e, ao mesmo tempo, chama atenção para o que foi velado. Ele não o diz apenas em relação com o

¹ Freud comenta em “Além do princípio de prazer” que o trauma implica “uma ruptura numa barreira, sob outros aspectos eficazes contra os estímulos”. FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 40.

² Lacan, J. (1960-1961) O Seminário, livro 8: *A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 372.

³ Lacan, J. (1959-1960) O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 265.

velamento do falo, mas o pudor também é, acima de tudo, uma barreira ao saber inconsciente. No Seminário VII, ele afirma que: “A omissão desta barreira, que conserva a apreensão direta do que há no centro da conjunção sexual, parece-me estar na origem de todo tipo de questão sem saída, e, propriamente falando, no que se refere à sexualidade feminina”.⁴

Ele comenta sobre a função do pudor, em 1974, no Seminário XXI, *Les non-dupes errent*, em relação com *A ética*. Após haver dispensado a utilidade de Deus, da Verdade e da Beleza – os “corpos gloriosos” que vemos celebrados na arte – ele afirma que, na experiência analítica, a verdade, na medida do que dela pode ser dito, é que o corpo se dirige ao gozo e que o sexo está especificamente ligado à morte do corpo. Ele se pergunta se seu nó borromeano nos permitirá ir além deste rodeio de gozo, corpo e morte.⁵

O real que torna impossível escrever a relação sexual significa que são necessários três para fazer o dois do amor. Que a não relação seja o limite do simbólico e, assim, do que é significável, fica evidente no discurso analítico, no qual a relação entre o analista, como suporte do objeto *a*, e o analisante, o sujeito dividido, também é marcada como impossível. O objeto *a*, como causa de desejo, é, precisamente, o que não é representável ou especularizável no sujeito. É real, íntimo e, portanto, o ponto mais obscuro do seu ser. É esta dimensão não significável, sempre traumática, que Lacan tem em mente quando, na segunda lição de *Les non-dupes errent*, fala do “horror gélido” ao saber inconsciente frente ao qual o discurso analítico não se acovarda. Ele se referirá a isto como *troumatisme* – o trauma do furo [*trou*] – que é constitutivo para o sujeito, na colisão do corpo com a linguagem.

Lacan faz um comentário enigmático na lição de 12 de março de 1974: “[...] a única virtude [...] se não há relação sexual como anúncio, é o pudor”⁶. Uma vez que a virtude é uma noção que Lacan considera antitética à psicanálise, por sua conexão com o Bem⁷, estaria ele sendo irônico? Penso que não. Há uma ambiguidade a respeito do pudor enquanto afeto, na medida em que ele chama atenção ao que está sendo escondido, mas também é um limite que precisa ser rompido em análise. É neste

⁴ *Ibid.*, p. 358.

⁵ Lacan, J (1973-1974). O seminário, livro 21: *Les non-dupes errent* (*Os não tolos erram – Os nomes do pai*). Lição de 12 de março de 1974, inédito.

⁶ *Ibid.*, « ...la seule vertu, si il n'y a pas de rapport sexuel, comme je l'énonce, c'est la pudeur ». <http://staferla.free.fr/>

⁷ Lacan, J. (1959-1960) O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 351.

contexto que eu coloco a questão sobre o que o movimento contemporâneo #MeToo teria a dizer aos analistas, em termos de suas consequências clínicas, em relação ao advento do real no encontro traumático do sujeito – do sujeito feminino, particularmente – com o sexo enquanto diferença radical? Certamente, estas lindas mulheres, que conhecemos enquanto imagens e que foram apresentadas, pela mídia, como heroicas, corajosas e bravas, foram iniciadas aos ritos de Hollywood quando foram tomadas de surpresa por um ou outro Sileno itifálico. Elas falam de medo, da cólera e da sua impotência. Mas o que alimenta esta fúria? Um psicanalista poderia apontar para o efeito de devastação: sua castração irremediável e o efeito traumático no corpo do gozo que expõe o limite do poder significante do falo. Não há recursos para a deslumbrante menina-fálica ou para aquela que contêm o objeto agalmático quando se é o objeto do gozo do Outro. O real advém. O furo que aparece está sendo agora recoberto por semblantes: vítima, vingadora.

Em francês, “*attentat à la pudeur*” – literalmente, ataque ao pudor – denota “exposição indecente” e também “ataque indecente”. No mundo anglófono, a publicação diária, desde outubro passado, de detalhes lascivos de tais incidentes e a queda de um homem poderoso após o outro teve um efeito transferencial em vários de meus analisantes, tanto masculinos quanto femininos, e com modos obsessivos e histéricos de resposta. Tem havido um tipo de ação retroativa substituta, na qual associações a adventos do real, já passados, produzem-se através de uma reação pessoal acerca de um evento no presente. Significativamente, o efeito predominante tem sido a angústia – não sem objeto, como Lacan diria, mas como furo na significação – acompanhada de modos variados por culpa e vergonha, ímpeto em expulsar e destruir o outro perturbador, compulsões à confissão, embaraços sobre aquilo da sexualidade do analisante que já havia sido exposto. Tais efeitos têm sido eficazes nas análises enquanto indicações do sintoma e da aproximação ao real. Mesmo quando ocorreram inibições, causadas pela percepção repentina do analista como um juiz, não foi algo sem benefícios à elaboração. No entanto, como Lacan diz na lição de 12 de março, o bem dizer (*le bien dire*) é suficiente “para chocar, mas ele não viola (*viola*) o pudor”.

Diferente do movimento francês *#balancetonporc* (dedure seu porco), o nome #MeToo é um convite à identificação. No horror expresso por estas jovens, há uma expressão contemporânea do encontro traumático com o real do sexo que teve um efeito social pronunciado. Ao mesmo tempo, há uma tentativa de encobrir este real com narrativas acaloradas por parte de todos aqueles que participam. Será que a terceira

forma freudiana de identificação, de *Psicologia das massas e análise do eu*, oferecer-nos-ia aqui alguma perspectiva? Ele fala sobre uma formação de sintoma que brota da identificação que não está baseada em nenhuma relação de objeto, mas em uma “infecção mental” – termo de Freud –, pautando-se na possibilidade do desejo ou no desejo de se colocar na mesma situação; identificação através do sintoma como uma marca de coincidência entre dois Eus⁸. Para Lacan, a terceira forma de identificação de Freud torna evidente o desejo de sustentar o desejo “no ponto de identificação puramente imaginário do qual o histérico permanece cativo, porquanto sua fantasia implica seu visgo”⁹. O que fornece orientação ao analista: a fantasia que sustenta o desejo tenta fazer existir a relação sexual e deve ser atravessada.

Em *Les non-dupes errent*, logo após esta referência ao pudor e à não relação sexual, Lacan diz: “o amor é apaixonante, por mais que isso implique que se siga a regra do jogo.”¹⁰. Porém não sabemos as regras, temos que inventá-las, utilizando o discurso analítico para tanto. O real ex-siste porque não há discurso sobre o gozo – o corpo é uma substância gozante, e goza mais ou menos bem. Por isto, o gozo requer o nó, o enodamento com o simbólico e o imaginário. Na análise, a função de barreira do pudor, é a de ser um indicador do que está escondido, de marcar com um X o lugar onde se encontra o tesouro inconsciente: no ponto no qual o pudor está atacado e onde o real repentinamente aparece. Talvez este seja o motivo pelo qual Lacan brinca com seu título “*les non-pudes errent*” (os não pudicos erram): uma brincadeira, *mas com um sério intento analítico*.

Tradução: Leonardo Pimentel

Revisão da tradução: Sandra Berta

⁸ Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do Ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 117.

⁹ Lacan, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 645.

¹⁰ Lacan, J (1973-1974). O seminário, livro 21: *Les non-dupes errent*. (*Os não tolos erram – Os nomes do pai*) Lição de 12 de março de 1974, inédito.